

Pressões ecológicas

por Alexandre Gambirasio
 de Roma

Depois de vários dias de chuva, o bom tempo primaveraíl voltou ao céu romano no último fim de semana. No perfeito — e mundialmente famoso — cenário de Piazza di Spagna, um forte sol emoldurou sábado passado um evento ecológico cuidadosamente preparado para a mídia de massa.

Ao longo da bela escadaria que leva à serena arquitetura da igreja de Santa Trinitá dei Monti, em meio a graciosos vasos de azaléias roxas, um grupo de jovens ecologistas do World Wildlife Fund, entidade internacional conhecida pela sigla WWF, realizou um imaginoso ato contra um de seus inimigos: "il buco dell'ozono", o buraco na camada de ozônio.

Dentro da mais completa tradição felliniana, lá estavam rapazes e moças metidos dentro de umas vinte armações de papelão branco: algumas, cilíndricas, simbolizavam "le bomboli-ne", os vasilhames de aerossóis, e as outras, retangulares, as geladeiras domésticas — todos instrumentos do temido gás inerte CFC. Outros jovens levantavam as bandeiras verdes da WWF e distribuíam folhetos aos turistas de todas as nacionalidades que, desocupados e alegres, se divertiam com mais esse espetáculo da bela tarde romana.

Alto-falante à boca, comandava as evoluções o diretor-geral da WWF/Itália, o italo-sueco Staffan de Mistura, 42 anos, ex-funcionário da Organização das Nações Unidas. Rosto bronzeado com toques de maquiagem, cabelos brancos e longos, o bem-produzido De Mistura enunciava os seus slogans ecológicos em voz modulada e tranqüila, e em duas línguas, italiano e inglês.

"Che istruito sei!" (Como você é educado!) gritava-lhe, ironicamente, Rambo, um jovem robusto proletário romano que, única preocupação para De Mistura, ameaçava por vezes criar confusão na bela escadaria.

Mas havia policiamento reforçado e a multidão de turistas mostrava-se simpática.

E o que concentrava as atenções era o trabalho de várias equipes de TV. Lá estavam a RAI, networks americanos e mesmo a Tele Montecarlo com o seu logotipo brasileiro. Podia-se prever que, mais tarde, noticiários de TV desde Nova York até Melbourne aproveitariam instantes do balé das bombolinas na romântica Piazza di Spagna. Outra boa promoção para uma das principais bandeiras dos ecoló-

gistas italianos estava criada, e com habilidade, pela WWF.

Naquela tarde, os ecologistas romanos estavam eufóricos. Uma outra de suas grandes bandeiras de luta — a defesa da Amazônia — também estava recebendo grande divulgação pela mídia, e desde cedo. O cantor de rock Sting, acompanhado do cacique Caiapó Raoni, do Brasil, havia chegado a Roma para, em breve visita, pedir fundos destinados a demarcar uma reserva indígena no Xingu. De novo, os ecologistas tinham a oportunidade de usar a TV para emocionar a opinião pública italiana.

Infelizmente, em tais bem-sucedidos avanços ecológicos pela mídia de massa, havia em Roma um grande perdedor — a imagem do Brasil. E em jogo estão milhões de dólares em exportações, um pacote de ajuda italiano, potenciais investimentos privados, o próprio conceito da soberania brasileira — e

até uma ameaça de ostracismo internacional.

"A virada da opinião pública italiana deu-se com o assassinio de Chico Mendes no Brasil", notou uma fonte diplomática brasileira em Roma. Desde então, vésperas de Natal do ano passado, jornais, semanários e especialmente os três canais da televisão estatal RAI vêm bombardeando os italianos com notícias sobre o possível aniquilamento da selva amazônica, chamada por eles de floresta

"pluvial ou tropical, a "rain forest".

Desde então, os brasileiros em Roma são interpelados com perguntas incessantes sobre o tema. Escolares italianos recolhem centenas de assinaturas em abaixo-assinados pedindo ao governo do Brasil que garanta a proteção da floresta. Grupos ecológicos, como o influente "Amici Della Terra", fazem visitas de protesto à sede da embaixada brasileira em Piazza Navona. A Câmara dos Deputados italiana aprovou, por unanimidade, moção que pede a Brasília punição para os matadores de Chico Mendes.

Pressões mais concretas também são feitas. No dia 31 de março, o ministro do Tesouro, Giuliano Amato, influente líder do Partido Socialista italiano, disse aos jornais que o Banco Mundial não fará um em-

porta do consulado brasileiro em Milão, um grafi-teiro escreveu: "Não com-prem café sujo de sangue".

Também surgiram ataques ao grupo agroindustrial Ferruzzi, proprietário no Brasil de alguns empreendimentos, entre os quais a CICA, por possuir, segundo se publicou, "240 mil hectares na Amazônia".

RECURSOS

Enquanto isso, negociações em Roma para um "pacote" italiano de alguns bilhões de dólares em cooperação econômica e tecnológica com o Brasil prosseguem. Fontes da embaixada não admitem que a tramitação do "pacote" tenha sido prejudicada pela crise diante da Amazônia. Mas o "premier" italiano Ciriaco De Mita (na verdade, em dificuldades políticas em Roma), esperado no Brasil em maio próximo para assinar o "pacote", anuncia que terá de cancelar a viagem. Giulio Andreotti, ministro de Relações Exteriores, também

não poderá viajar ao Brasil.

O suceder tais fatos vem provocando crescente preocupação em Piazza Navona. Como evidentemente o governo brasileiro também acha que a Amazônia não deve ser destruída, a questão principal é oferecer à opinião pública italiana a percepção concreta de que o Brasil está realmente agindo para defender a floresta. Nessa frente de batalha das relações públicas, a embaixada ainda não teve sucesso. O plano nossa natureza, lançado pelo presidente Sarney, foi ignorado pelos jornais italianos.

Também constata-se uma nova vertente na campanha dos ecologistas. Sempre cuidadosos em não hostilizar o governo ou o povo do Brasil pela devastação da floresta, eles parecem dar a entender que o dever de proteger a Amazônia é internacional, dos países ricos, enfim. Tal posição, se vier a ter apoio explícito de algum gover-

no, teria reflexos para a soberania brasileira na região.



Sting

préstimo de US\$ 500 milhões ao Brasil, o que seria utilizado, segundo ele, para erguer hidrelétricas na Amazônia. Aflorou ao mesmo tempo uma campanha pública contra a importação pela Itália de minério de ferro vindo de Carajás — um volume de US\$ 100 milhões em 1988, embarcado pela Cia. Vale do Rio Doce. Outra campanha quis sustar as importações de madeiras do Brasil. E na

FONTE : GM

CLASS. : 171

DATA : 25 4 89

PG. : 8
cont.

OSTRACISMO

E se, na pior das hipóteses, de fato a Amazônia visse sua floresta destruída? Então certamente o Brasil seria condenado ao ostracismo internacional, colocado entre as nações desprezadas pelo Ocidente, como Irã, Líbia e África do Sul.

O que fazer? Fontes brasileiras em Roma acham que o Brasil deve empenhar-se mais tanto na Amazônia, quanto na punição dos assassinos de Chico Mendes e a trincheira das relações públicas na Itália e na Europa. A Vale do Rio Doce, por exemplo, que formou no Brasil a imagem de uma empresa hoje preocupada com o meio ambiente, poderia tentar no exterior a defesa do esforço ecológico que diz ter feito em Carajás. Uma personalidade científica brasileira bem conhecida poderia ser nomeada pelo presidente Sar-

ney para estudar soluções para a Amazônia.

Por enquanto, todavia, os italianos continuam preferindo acreditar no carisma e na persistência do cantor de "rock" Sting, o apolíneo personagem do mundo do entretenimento, com milhares de fãs, que decidiu salvar sozinho os índios e as árvores da Amazônia.

RAONI

A visita de Sting a Roma no fim de semana teve grande impacto. Em nova etapa de sua maratona mundial em defesa da Amazônia, ele chegou com a sua caravana: o cacique Raoni, o índio americano Red Crow, o cineasta francês Jean Pierre Dutilleux, autor de belas cenas da selva e dos caiapós, e da própria esposa de Sting, a atriz Rudi Styler, também engajada na causa.

A visita começou espetacularmente, com uma audiência com João Paulo II no Vaticano. Depois, Sting e Raoni foram conversar com os estudantes romanos, na Universidade La Sapienza. Tratou-se, disse Sting, de prestar contas aos jovens, que vão afinal herdar o planeta, do trabalho feito para manter viva no futuro a floresta tropical e os índios. À noite, veio a parte de maior repercussão da visita. Sting, Raoni e comitiva foram a atração principal do programa Alla Ricerca Dell'Arca do canal 3 da RAI, uma espécie de Fantástico, com grande audiência, sob o comando do animador Mimo Damato. Esse informou ao público, no início do programa, que 4 mil metros quadrados de floresta amazônica são destruídos por segundo. Depois, ao longo do programa, a intervalos, um relógio luminoso dramatizava o ritmo da devastação.

XINGU

As entrevistas de Sting e Raoni foram intercaladas com longas visões da selva amazônica e com rápidas cenas de destruição das árvores por tratores e charras. Raoni, visivelmente cansado pela maratona, foi apresentado com palavras altissonantes. "Vamos ouvir a voz da floresta, a sabedoria do homem que veio do nosso passado", disse Damato. Raoni respondeu com palavras simples: "Os Caiapós são pobres, precisam de dinheiro, precisam de proteção contra posseiros, garimpeiros, fazendeiros. Precisam da demarcação de suas reservas para não morrer. Sem árvores, sem sombra, morreremos todos".

Sting, em sua entrevista, demonstrou inteligência e espírito prático. Calculou em US\$ 3,5 milhões a quantia necessária não só para demarcar a futura reserva do Xingu (uma consolidação das três já declaradas), mas também para adquirir barcos e helicópteros para fiscalizar a região. Torres de vigilância serão construídas para manter do lado de fora da terra indígena os invasores brancos.

No programa, Sting não criticou o governo brasileiro. Disse brevemente ter compreendido em sua estada no Brasil que a economia é sadia mas está submetida ao peso de juros externos cobrados de forma rígida demais. As cidades brasileiras já não conseguem acolher os pobres, disse Sting, e eles vão invadir as florestas para dar comida a seus filhos. Ele disse que pedirá a banqueiros, multinacionais e políticos do Primeiro Mundo que façam alguma coisa para dar alívio à situação brasileira.

Tanto agradou o programa que a RAI o repetiu no domingo. E a luta continua. Sting anunciou as próximas etapas de sua missão: levará Raoni para Londres, para apresentá-lo à família real. Depois fará com ele incursões na Alemanha, na Escandinávia, no Japão e nos Estados Unidos. Prometeu fincar a primeira estaca no Xingu em junho. Depois, disse, "lutarei para criar outras reservas indígenas na Amazônia. Os índios é que serão os protetores das árvores".

Para os ecologistas romanos, não poderia haver notícia melhor. As ocasiões para convocar as câmeras de TV vão se multiplicar e a campanha pela Amazônia não perderá ímpeto tão cedo. Sting, deve-se lembrar, significa em inglês ferrão de abelha, agulhão e o verbo to sting quer dizer espetar, picar, atormentar.